

2ª PARTE

ESTUDOS

Acerca do Ensaísta – Poeta Linhares Filho

Noemi Elisa Aderaldo

A obra de Linhares Filho intitulada *O poético como humanização de Miguel Torga* constitui um apuradíssimo, completo e detalhado tratado hermenêutico acerca da poemática do célebre autor lusitano, nunca dantes abordada de forma tão cabal.

Para se ter uma ideia da tal magnitude da obra do ensaísta e também poeta cearense que esteve por várias vezes em Portugal, veja-se que analisa ele toda a obra lírica do famoso autor lusitano, constituída de quase um milhar de poemas nas 41 obras de tal teor publicadas e detalhadamente estudadas por Linhares.

Além desse impressionante montante, alinha Linhares, para o seu livro, nove páginas do extenso caudal bibliográfico torguiano, além das doze páginas de Notas Bibliográficas efetivamente inseridas no seu majestoso estudo.

Em apêndice de oito páginas ao mesmo, nosso autor acrescenta uma última análise de poemas de Torga constantes duma sua obra publicada após concluído o livro acerca do mesmo.

Não somente impressiona, mas também espanta, na obra, para além do seu quantitativo gigantismo, o refinado teor qualitativo – e profusamente comparativo – das suas meticolosas e detalhadas incursões, abordando com incomparável tirocínio organizacional e ordenativo, os inúmeros, os milhares de versos que transcreve e estuda, de forma ensaisticamente acabada e completa.

Além do mais, em obra de tal monta, e como não poderia deixar de ser, também abundam eventuais considerações e delineamentos, não só de natureza histórica e sociológica, mas também psicológica e filosófica, além dum imanente e inevitável comparativismo no terreno da literatura e da cultura universal, abrangendo nomes clássicos antigos, medievais e modernos, alemães inclusive, como Heidegger e Nietzsche.

Não se pode deixar de salientar, em Torga, o acendrado telurismo como sentimento maior da vida, telurismo que perpassa a sua obra das mais diversas maneiras. Curiosamente, este fator é, com certeza, ressaltado pela singular importância das águas, vale dizer do mar, na história de Portugal.

No dizer do próprio Linhares, o telurismo de Torga expressa a sua própria paixão pela terra como fundamental base do mundo – ou telurismo universal – e, num caráter mais afetivo, pela portuguesa sobretudo, e pela ibérica.

Torga canta a planície e a montanha, os rios e o mar, as árvores com seus frutos, os pássaros com seus ninhos, as flores, as pedras, a vindima e a colheita, dizendo ser a sua poesia “voz do chão que grita”.

Extensivamente, também canta a irrupção da vida, representada pelos reinos vegetal e animal.

Dentro do telurismo português, Torga registra reencontros com sua região específica, o que passou a ser chamado de telurismo municipal. Como uma bela e poderosa imagem do seu telurismo universal, vale citar seu expressivo verso “o girassol do mundo aberto”, integrante do poema “Terra de Consciência Iluminada”, transcrito por Linhares.

É bela e curiosa a identificação torguiana com a árvore, no verso de um poema também por ele transcrito, que diz: “os meus versos são folhas dos seus ramos”...

Como não poderia deixar de ser, é claro que o mais forte telurismo torguiano é exatamente o português, dentre cujas exemplificações se liga o referente à cultura do vinho, fruto da terra, relacionado ao “espírito báquico” de Portugal, sobre o que discorre Linhares.

O amor de Torga à terra, desde a natal à universal levou-o a frequentes viagens em ambas.

Na amplitude do seu telurismo, Torga sente ser o Brasil, para ele, uma espécie de extensão de Portugal, por motivos vários, sejam de natureza externa, sejam interiores. A importância metafísica de tais motivos leva-o a chamar o Brasil, num dos seus poemas, de “pátria de emigração”. E através de algumas outras referências suas, comprova-

se haver nele como que o sentimento do Brasil como "uma extensão afetiva de Portugal". Torga, inclusive, chega a compor um belo poema de quatro estrofes com quatro versos cada, intitulado "Brasil".

Vale ressaltar, na obra de Miguel Torga, a importância, nela presente, da Mitologia greco-latina, à qual recorre ele com grande frequência. Torga ostentava plena consciência da sua importância, pois sabia que a história da redescoberta do Mito no século XX representava valioso capítulo da história do pensamento moderno.

As figuras mitológicas mais significativas na obra torquiana são as de Sisifo, Orfeu e Prometeu, além de Plutão, Zeus, Anteu, Ícaro e Baco, inclusive de vários outros. Além daqueles comparecem as figuras de Apolo, Júpiter, Vênus, Eros, Jano, Eurídice, Pan e Diana, em diversas ocasiões.

Os nomes citados são de figuras essenciais do mundo antigo, que permanecem, simbolicamente, nos sentimentos ou na vida, do homem moderno, recebendo, na poética torquiana, um tratamento transfigurativo.

A obra de Torga, não somente a poética mas igualmente a em prosa, é gigantescamente abarcativa, deixando, como o comenta Linhares, uma forte sensação de plenitude.

A genialidade e a magnitude de Miguel Torga, incluindo a extrema complexidade de toda a sua obra, como ele informa igualmente se refletem na dualidade do apolíneo e do dionisiaco, mas unindo a predominância do apolíneo, de natureza mais classicizante, com a existência do dionisiaco, mais emergente no modernismo.

Além do mais é Miguel Torga um poeta verdadeiramente independente, sem filiar-se, na sua grandeza original, a quaisquer concepções literárias pré-existentes, não obstante algumas coincidentes ligações com valores de uma ou outra delas, tal como ocorre com o neorrealismo, o que se revela como algo puramente casual.

Em suma, o apanágio da Poesia é, em Torga, representado pelo Humanismo da mesma, maneira pela qual a empunha como uma bandeira axiológica, sendo que já era, antes de mais nada, sua ontológica bandeira, em que a Poesia congemma uma representação do Ser.

Há em Torga, também, uma espécie de síntese dos contrários, conciliando subjetividade romântica com objetividade realista e com imaginação simbolista, e tudo isso amalgamado dentro da modernidade, como nos desvenda o mágico decifrador Linhares Filho.

O selecionado poemário de Linhares Filho intitulado *Notícias de bordo* representa, de fato, uma riquíssima seleção de algumas dezenas de obras-primas de poesia, concentrando o que de melhor produziu, conforme seu critério, o inspirado estro do seu autor. São, na verdade, poemas escolhidos de sete livros, dentre os publicados entre 1968 e 2006.

Os poemas todos são de grande qualidade, tanto em forma quanto em conteúdo, mas o que neles logo e sobretudo chama a atenção é o requinte artesanal de sua estrutura versíca, que lhes confere atraente perfeição formal.

Momentos impressivos da Terra Santa constitui uma obra-prima numa pequena coleção de poemas representando os graves momentos e o sentido capital da breve mais dramática e eternizada estada de Jesus Cristo, filho do Pai Supremo, na terra dos homens.

Os 13 poemas, que enfeixam Nascimento, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor, por seu sequenciamento, seu conteúdo e editoração, estão dispostos de tal modo que lembram um pequeno missal.

Constituem, no seu conjunto, uma verdadeira obra-prima de linguagem e de conteúdo, não apenas no seu sentido e objetivo maior, de natureza profundamente religiosa, mas igualmente como realizações poemáticas objetivas, cheias de perfeição formal e de beleza.

O que acima se diz sobre a sequenciação dos poemas lembrando um pequeno missal, aplica-se essencialmente a cinco deles, trazendo os seguintes títulos:

- No Monte Tabor
- No Cenáculo
- Em Getsêmani
- No Gólgota
- Junto ao Mar de Tiberíades

Espírito profundamente religioso, Linhares Filho mergulhou na rica tradição da cultura portuguesa e por ela se apaixonou, permanecendo, inclusive, por algum tempo em Portugal, onde continuou crescendo. Ateve-se aos nomes de tradição literária portuguesa, como José Régio, Miguel Torga, Camões e Camilo Pessanha.

Porém o ápice da cultura portuguesa é, para ele, representado pela amplitude cósmica de Fernando Pessoa, transdimensão metafísica de quatro poetas em um. Linhares Filho mergulha sua vida num abismo de silêncio criativo, donde brota sua poesia.

Extraordinária importância tem também para ele a pessoa de Moreira Campos, silente contista que observa todas as coisas a ponto de poder ser cognominado o Observador.

A ele dedicou seu extenso poema "Ode ao Contista Moreira Campos", verdadeira apologia do seu homenageado e sua humanística aura espiritual.

Linhares tanto se identifica com ela, que de certa forma se corporifica no poema que dedica à sua mulher Mariazinha, "Bucólica do Reencontro", que, em duas páginas, é uma verdadeira e sintética obra-prima de conjugal humanismo, e com o costumeiro apuro formal.

A Fernando Pessoa dedica, no "Itinerário", dois poemas, o primeiro dos quais "A Fernando Pessoa Centenário", em duas grandes estrofes, celebrando, de forma muito bela e austera, o Centenário do poeta, que tão cedo se foi, e sobre quem escreveu importantes ensaios. O outro poema, "(Des) conhecimento de Fernando Pessoa" é um soneto, pleno de seriedade, e que de certa forma imita o linguajar poético do genial português.

A memória dos seus pais é honrada por dois poemas: "Lembrança de Minha Mãe", peça de extremo equilíbrio, e "Lembrança de Meu Pai Centenário", obra-prima em forma e conteúdo, invocatória e profundamente comovente da figura já ida, mas ainda tão presente e forte na memória.